



PREFEITURA
DE GOIÂNIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
COMISSÃO DE CONCURSO
EDITAL N. 001/2016



PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO II

HISTÓRIA

19/06/2016

PROVAS	QUESTÕES
LÍNGUA PORTUGUESA	01 a 16
CONHECIMENTOS GERAIS	17 a 22
CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO	23 a 40
CONHECIMENTOS NA ÁREA DE ATUAÇÃO	41 a 70
REDAÇÃO	-

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO FOR AUTORIZADO
LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 70 questões.
2. Cada questão apresenta quatro alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha, no cartão-resposta, a letra correspondente à resposta julgada correta. No cartão, as respostas devem ser marcadas com caneta esferográfica de tinta AZUL ou PRETA, fabricada em material transparente. Preencha integralmente o alvéolo, rigorosamente dentro dos seus limites e sem rasuras.
3. O cartão-resposta e o caderno de resposta da prova de Redação são personalizados e não serão substituídos em caso de erro durante o seu preenchimento. Ao recebê-los, verifique se seus dados estão impressos corretamente; se for constatado algum erro, notifique ao aplicador de prova.
4. As provas terão a duração de **cinco horas**, já incluídos nesse tempo a marcação do cartão-resposta e o preenchimento da folha de resposta da Redação e a coleta da impressão digital.
5. Você só poderá retirar-se do prédio após terem decorridas **quatro horas de prova**, podendo, então, levar o caderno de questões.
6. Quando apenas três candidatos permanecerem na sala para terminar a prova, estes deverão aguardar até que o último a entregue e terão seus nomes registrados em Relatório de Sala, no qual aporão suas respectivas assinaturas.
7. AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E O CADERNO DE RESPOSTA DA PROVA DE REDAÇÃO AO APLICADOR DE PROVA.

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto 1 para responder às questões de **01 a 07**.

Texto 1

Objetivo de princesas da Disney não é mais o casamento, revela estudo

Maria Clara Moreira

Quando Walt Disney trouxe para as telas a versão animada de "Branca de Neve" (1937), clássico alemão imortalizado pelos irmãos Grimm, lançou as bases para o que se tornaria um ícone cultural infantil.

Desde então, sucessoras como Ariel, de "A Pequena Sereia", e Tiana, de "A Princesa e o Sapo", colaboram para a formação do ideal de feminilidade de milhares de meninas mundo afora. Em suas histórias, carregam papéis e ideais que pautam, ainda na infância, os valores sociais.

Foi essa ideia que levou as pesquisadoras americanas Carmen Fought, do Pitzer College, e Karen Eisenhauer, da North Carolina State University, a aplicarem princípios da linguística para analisar como os filmes da Disney expressam as diferenças entre homens e mulheres e como essa abordagem mudou nos últimos anos.

"A feminilidade não vem do nascimento, é algo desenvolvido a partir de interações com a ideologia da nossa sociedade, e os filmes da Disney atuam como uma fonte de ideias sobre o que é ser mulher", defende Carmen.

Ela e Karen categorizaram os filmes em três eras cronológicas: Clássica, de "Branca de Neve" (1937) a "A Bela Adormecida" (1959); Renascentista, de "A Pequena Sereia" (1989) a "Mulan" (1998); e a Nova Era, de "A Princesa e o Sapo" (2009) a "Frozen" (2013) – este último não é reconhecido pela Disney como parte da franquia, mas também foi considerado pela pesquisa.

Fora "Aladdin" (1992), todos os longas da franquia das princesas são protagonizados por mulheres, embora dominados por personagens masculinos. O número de homens foi superior ao de mulheres em quase todos os exemplos, com o empate em "Cinderela" (1950), única exceção.

Carmen não acredita que povoar os longas com homens seja uma escolha consciente por parte dos produtores. Ao contrário, explica o fenômeno como uma decisão automática e inconsciente de assumir o masculino como norma.

"Nossa imagem de médicos e advogados, por exemplo, costuma ser masculina, mesmo com muitas mulheres nessas profissões. Nos filmes analisados, quase todos os papéis além da protagonista vão automaticamente para homens. Acho que é automático [para eles] colocar personagens homens como o braço direito engraça-

dinho e em funções menores, que passam batido", argumenta.

DIFERENÇA GERACIONAL?

Entre as eras Clássica e Renascentista, há uma diferença geracional. Os 30 anos entre "A Bela Adormecida" e "A Pequena Sereia" viram desde a luta pelos direitos civis dos negros nos EUA à morte de Walt Disney, passando pela segunda onda do feminismo.

As mudanças culturais levaram a uma princesa supostamente diferente. A sereia Ariel foi recebida pela crítica como uma rebelde, cuja independência em muito diferia da submissão das predecessoras.

O estudo de Carmen e Karen, no entanto, prova o contrário. Se desde "Branca de Neve" a quantidade de palavras ditas por personagens femininas vinha crescendo (passando de 50% para 71% em 1959), Ariel e suas sucessoras da era Renascentista reverteram a tendência de forma drástica. Todos os cinco filmes do período viram dominância masculina, cujo ápice foi "Aladdin" (90%).

"Os filmes mais recentes mostram evolução em algumas áreas. Em geral, as ideias estão sendo atualizadas. A ideia de ser salva por um homem parece ter mudado, e o casamento como meta única também. Um exemplo é Tiana, de 'A Princesa e o Sapo', cujo sonho é ter um restaurante", explica Carmen. "É possível argumentar que se esforçaram ao incluir duas princesas que salvam a si mesmas em 'Frozen'. Ao mesmo tempo, a maioria de seus personagens é masculina, e os homens ganham a maior parte do diálogo (59%)."

BELEZA NÃO É TUDO

Instigadas não apenas pela soberania do discurso, mas também por seu conteúdo, as americanas catalogaram os elogios distribuídos ao longo dos 12 filmes, buscando descobrir se as personagens mulheres são mais elogiadas por sua aparência que por suas habilidades, e se o padrão se opõe à tendência masculina.

Aqui, "A Pequena Sereia" se mostrou progressista. O filme deu início à era Disney que reduziu de 55% para 38% a quantidade de elogios à beleza das personagens. No lugar, as princesas passaram a ser celebradas por suas habilidades (um aumento de 12 pontos percentuais em relação aos filmes clássicos) e personalidades. A tendência se manteve durante a Nova Era.

Na contramão da diminuição dos elogios à aparência das personagens femininas, a pesquisa descobriu que personagens masculinos cada vez mais têm a beleza, e não as habilidades, elogiada.

Os números refletem a inclusão de profissionais mulheres em seu processo de criação. Entre os exemplos notáveis estão "A Bela e a Fera" e "Valente". Idealizados por mulheres (Linda Woolverton e Brenda Chapman, respectivamente), os dois têm heroínas criadas

para serem novos modelos para meninas, desta vez baseados em força de vontade e independência.

"Torço para que façam filmes mais representativos. É algo que necessitamos em toda a mídia, não só na Disney", opina Carmen. "Se nós não tomarmos a decisão de incluir maior diversidade étnica, etária e de gênero na mídia, continuaremos a escolher automaticamente a maioria, ou seja, homens brancos."

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1734943-objetivo-de-princesas-da-disney-nao-e-mais-o-casamento-revela-estudo.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2016. [Adaptado].

— QUESTÃO 01 —

Conforme a autora da matéria, o objetivo geral das pesquisadoras Carmen Fought e Karen Eisenhauer era comprovar se os filmes da Disney

- (A) seguiam uma categorização cronológica pelo fato de apresentarem suas histórias conforme características dos comportamentos femininos das eras Clássica, Renascentista e Moderna.
- (B) refletiam os princípios da linguística pelo fato de marcar as diferenças entre homens e mulheres nas falas das personagens em interação social e ideológica.
- (C) privilegiavam as personagens masculinas por uma escolha consciente por parte dos produtores ou se por uma decisão inconsciente de assumir o masculino como norma.
- (D) contribuíam para a formação do ideal de feminilidade de meninas por apresentarem personagens com papéis e ideais que reforçam os valores sociais estabelecidos.

— QUESTÃO 02 —

Para a análise dos dados, as pesquisadoras americanas utilizaram, como método,

- (A) as mudanças culturais e históricas ocorridas entre os três períodos escolhidos e aquelas que se deram no interior de um mesmo período, redefinindo os papéis masculinos e femininos.
- (B) a contagem do número de personagens masculinos e femininos, das palavras ditas por homens e mulheres nos filmes e dos elogios recebidos por cada categoria pela aparência e pelas habilidades.
- (C) as diferenças relativas ao ideal feminino e masculino existentes nas histórias de princesa dos contos tradicionais e nos filmes infantis produzidos pela Disney em três diferentes épocas.
- (D) a porcentagem das ocorrências de cenas de ação, dos diálogos protagonizados pelos heróis e pelas heroínas e a quantidade de papéis representados por auxiliares masculinos e femininos.

— QUESTÃO 03 —

No processo comunicativo, os textos apresentam determinadas funções e, em cada esfera de utilização da língua, elaboram-se determinados gêneros discursivos para que se cumpra a finalidade comunicativa. A análise geral do texto permite a sua identificação com o gênero "artigo de divulgação científica", pois

- (A) baseia-se na exposição e defesa de um ponto de vista com predomínio de sequências expositivo-argumentativas.
- (B) volta-se para a popularização de conhecimentos acadêmicos com uso de sequências expositivo-explicativas.
- (C) explicita posicionamento acerca de um tema polêmico em debate no veículo de comunicação, fazendo uso de sequências dissertativas.
- (D) declara publicamente razões que justifiquem atos ou em que se fundamentem direitos por meio de sequências injuntivas.

— QUESTÃO 04 —

O texto deixa entrever que o trabalho feito pelas americanas Carmen Fought e Karen Eisenhauer, pautando-se na aplicação de princípios da linguística na análise de filmes, trata-se de

- (A) uma prática corriqueira no meio acadêmico, uma vez que põe em confronto áreas distintas.
- (B) uma atitude não científica, porque inclui, nos estudos, práticas relacionadas à esfera jornalística.
- (C) um processo aceito pela comunidade acadêmica, uma vez que relaciona áreas distintas e com comprovações científicas.
- (D) uma novidade no âmbito da pesquisa científica, porque utiliza a prática da contagem de palavras ditas num filme.

— QUESTÃO 05 —

O registro linguístico utilizado na construção do texto

- (A) aproxima leitor e conteúdo de difícil acesso por meio do uso simplificado e didatizado da linguagem científica.
- (B) atende às formas de interlocução do gênero do discurso científico ao fazer uso de linguagem técnica.
- (C) utiliza terminologia rebuscada e formalidade elevada em conformidade com a interlocução jornalística.
- (D) apresenta léxico e sintaxe em consonância com a norma culta urbana, para atingir um público acadêmico-científico.

— QUESTÃO 06 —

A correspondência entre o operador discursivo em destaque e a descrição de seu funcionamento dentro dos parênteses ocorre em:

- (A) “todos os longas da franquia das princesas são protagonizados por mulheres, embora dominados por personagens masculinos” (oposição de argumentos orientados para conclusões contrárias).
- (B) “O estudo de Carmen e Karen, no entanto, prova o contrário” (introdução de conclusão a partir de argumentos apresentados anteriormente).
- (C) “Instigadas não apenas pela soberania do discurso, mas também por seu conteúdo” (comparação entre elementos diferentes com vistas a uma dada conclusão).
- (D) “Se nós não tomarmos a decisão de incluir maior diversidade étnica, etária e de gênero na mídia, continuaremos a escolher automaticamente a maioria” (apresentação de uma explicação relativa ao enunciado anterior).

— QUESTÃO 07 —

No trecho “Idealizados por mulheres (Linda Woolverton e Brenda Chapman, respectivamente), os dois têm heroínas criadas para serem novos modelos para meninas, desta vez baseados em força de vontade e independência”, a expressão “desta vez” assegura a coerência no encadeamento das ideias,

- (A) finalizando uma polêmica anterior por meio da exploração do argumento subentendido.
- (B) inserindo um argumento já citado e reforçando seu sentido por um raciocínio lógico.
- (C) recuperando uma afirmação extratextual por meio do recurso da pressuposição.
- (D) apresentando um fato novo e recuperando por oposição um fato já apresentado.

Leia o texto 2 para responder às questões de 08 a 11.

Texto 2

Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/?s=macho&submit=Search>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

— QUESTÃO 08 —

Em relação ao plano linguístico, o efeito de humor, na tirinha, é construído por meio

- (A) do encadeamento das ações de perguntar, excluir e afirmar para reforçar a masculinidade.
- (B) da substituição de termos polissêmicos por expressões denotativas.
- (C) da mudança promovida nos objetos pela supressão de sufixos das palavras.
- (D) do uso de palavras concretas para enfatizar traços pessoais rudes.

— QUESTÃO 09 —

Considerando as condições históricas, sociais e culturais, a tirinha possibilita a crítica sobre

- (A) a recusa das diferenças nas escolhas de consumo como marca do lugar de homens e mulheres.
- (B) a submissão aos valores construídos para o padrão estabelecido de comportamento masculino.
- (C) a imitação das atitudes de homens educados e elegantes influenciados pelo discurso feminista.
- (D) a restrição à fala dos homens imposta pela norma culta da língua e pelas formas literárias.

— QUESTÃO 10 —

Acerca da relação entre elementos verbais e não verbais na construção da tirinha, é possível afirmar que há entre eles

- (A) redundância, uma vez que os elementos imagéticos reafirmam o que dizem os elementos verbais.
- (B) unilateralidade, já que o verbal torna-se mais importante para o sentido do texto que o não verbal.
- (C) independência, pois ambos contribuem com elementos distintos para a unidade do texto.
- (D) sincretismo, dado que a retirada de algum deles resultaria em perda de sentido para o texto.

— QUESTÃO 11 —

Ao afirmar que “Macho que é macho nunca fala no diminutivo”, o enunciador deixa implícito que, nesse caso, o uso de diminutivo funciona como

- (A) sinalizador de desprezo.
- (B) delimitador de espacialidade.
- (C) indicador de tamanho.
- (D) marcador de fragilidade.

Leia o texto 3 para responder às questões de 12 a 16.

Texto 3**Teoria, ideologia e a urgente necessidade de pensar contra a má-fé**

Márcia Tiburi

O teólogo André Musskopf defende que os fundamentalistas têm ajudado o feminismo e os movimentos pela diversidade sexual e de gênero. Em artigo, ele defende que “talvez o mais surpreendente seja que aquelas e aquelas que não queriam falar sobre o assunto de repente se veem obrigadas e obrigados a estudar e conhecer – e até falar sobre ele”. De fato, a gritaria de alguns tem esse outro lado, um efeito inesperado de colocar a questão em pauta, de levar muita gente a repensar o modo como a questão de gênero afeta suas vidas cotidianas. A vida e a sociedade são dialéticas, digamos assim, tudo pode ter dois lados, e o olhar otimista ajuda todos os que sobrevivem a seguir na luta por direitos. Mas infelizmente há o lado péssimo de tudo isso, aquele que é vivido pelas vítimas desse estado de coisas, aqueles para quem não há justiça alguma.

Quem luta, não pode desistir. Enfraquecer o inimigo é necessário desde que não se menospreze sua força.

O caminho que devemos seguir quando se trata de pensar em gênero é aquele que reúne o esforço da crítica, da pesquisa, do esclarecimento, o esforço de quem se dedica à educação e à ciência, com o esforço da escuta. Quando escuto alguém falando de “cura gay” imagino o grau de esvaziamento de si, de pobreza subjetiva, que levou essa pessoa a aderir a uma teoria como essa. Infelizmente, esse tipo de teoria popular se transforma em ideologia enquanto, ao mesmo tempo, é usada por “donos do poder”, para vantagens pessoais.

Importante saber a diferença entre teoria e ideologia. São termos muito complexos. Incontáveis volumes já foram escritos sobre isso, mas podemos resumir nos seguintes termos: teoria é um tipo de pensamento que se expõe, ideologia é um tipo de pensamento que se oculta.

Há, no entanto, um híbrido, as “teorias ideológicas” que, por sua vez, expõem com a intenção de ocultar, ou ocultam fingindo que expõem.

Há teorias populares (que constituem o senso comum, as opiniões na forma de discursos que transitam

no mundo da vida depois de terem sido lidas em jornais e revistas de divulgação) e teorias científicas (que estão sempre sendo questionadas e podem vir a ser desconstituídas, mas que escorrem para o senso comum e lá são transformadas e, em geral, perdem muito do seu sentido).

Ideologia, por sua vez, é o conjunto dos discursos e opiniões vigentes que servem para ocultar alguma coisa em vez de promover esclarecimento, investigação e ponderação.

A ideologia de gênero, sobre a qual se fala hoje em dia, não está na pesquisa que o discute e questiona, mas no poder que, aliado ao senso comum, tenta dizer o que gênero não é.

Algo muito curioso acontece com o uso do termo ideologia quando se fala em “ideologia de gênero”. Algo, no mínimo, capcioso. Pois quem usa o termo “ideologia de gênero” para combater o que há de elucidativo no termo gênero procura ocultar por meio do termo ideologia não apenas o valor do termo gênero, como, por inversão, o próprio conceito de ideologia. É como se falar de ideologia de gênero servisse para ocultar a ideologia de gênero de quem professa o discurso contra a ideologia de gênero.

Não se trata apenas de uma manobra em que a autocontradição performativa é ocultada pela força da expressão, mas de um caso evidente de má fé. E quando a má fé vem de pessoas (homens, sobretudo) que se dizem de fé, então, estamos correndo perigo, porque a fé do povo tem sido usada de maneira demoníaca.

O papel ético e político de quem pesquisa, ensina e luta pela lucidez em uma sociedade em que os traços obscurantistas se tornam cada vez mais intensos é também demonstrar que percebemos o que se passa e que continuaremos do lado crítico a promover lucidez, diálogo e respeito aos direitos fundamentais, inclusive relativos à sexualidade e ao gênero, em que pese a violência simbólica a que estamos submetidos.

Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/02/vamos-conversar-sobre-genero/>>. Acesso: em 13 abr. 2016. [Adaptado].

— QUESTÃO 12 —

A expressão “ideologia de gênero” utilizada nos dias de hoje e questionada pela autora do texto refere-se a

- (A) uma teoria utilizada pelo poder com base no senso comum.
- (B) um esforço da crítica para esclarecimento de sua definição.
- (C) uma temática religiosa de que tratam as filosofias modernas.
- (D) um conceito advindo das pesquisas e reflexões acadêmicas.

— QUESTÃO 13 —

Em várias passagens do texto, nota-se o uso do sinal indicador de aspas. No caso de sua utilização em “cura gay”, “donos do poder”, “teorias ideológicas”, elas

- (A) exprimem ironia ou conferem destaque a uma palavra ou expressão que o enunciador considera empregada fora de seu contexto habitual.
- (B) ressaltam a ocorrência de empréstimos linguísticos ou marcam uma não adequação ao nível de linguagem utilizado.
- (C) demonstram crítica ou ressaltam a discordância do enunciador quanto ao que julga ser inapropriado.
- (D) demarcam a proximidade pretendida pelo locutor ao enunciar ou referem-se ao título de outra obra.

— QUESTÃO 14 —

No parágrafo introdutório do texto, são usadas as palavras de um teólogo acerca dos desdobramentos sobre as questões de gênero na atualidade. Com relação a essa citação e aos comentários feitos a seu respeito, é possível afirmar que a autora

- (A) concorda com o teólogo sobre os ataques sofridos pelas mulheres e pelos movimentos defensores da diversidade sexual e de gênero.
- (B) refuta o pensamento do teólogo com a argumentação de que o olhar otimista ajuda todos os que sobrevivem a seguir na luta por direitos.
- (C) aceita o posicionamento do teólogo, mas enfatiza o lado negativo da questão para os que sofrem os ataques dos fundamentalistas.
- (D) questiona a propagação das ideias do teólogo, embora considere produtivo o silenciamento sobre a questão da sexualidade.

— QUESTÃO 15 —

No trecho “A ideologia de gênero, sobre a qual se fala hoje em dia, não está na pesquisa que o discute e questiona, mas no poder que, aliado ao senso comum, tenta dizer o que gênero não é”, o elemento “o”, no período em destaque, funciona como um mecanismo de coesão

- (A) sequencial, que recupera a noção de discurso apresentada no parágrafo anterior.
- (B) anafórica, que retoma a palavra “gênero”, separando-a da ideia de ideologia.
- (C) catafórica, que antecipa o significado do termo “poder”, distinguindo-o do senso comum.
- (D) lexical, que substitui a expressão “algo muito curioso” enunciada no período seguinte.

— QUESTÃO 16 —

A expressão “má-fé” anunciada no título do texto está implicada na questão que diz respeito

- (A) à manobra utilizada para produzir sentido pejorativo para a noção de gênero dos estudos científicos.
- (B) ao modo como a teoria de gênero afeta a vida cotidiana das pessoas em suas relações interpessoais.
- (C) à estratégia de enfraquecimento do discurso daqueles que desconsideram a diversidade sexual e de gênero.
- (D) ao poder exercido pelos pesquisadores sobre os saberes do senso comum na definição da sexualidade.

— RASCUNHO —

CONHECIMENTOS GERAIS**— QUESTÃO 17 —**

Recentemente, algumas rodovias federais que cortam o estado de Goiás passaram pelo processo de concessão, que envolve a transferência de responsabilidade, da administração pública para uma organização privada, da gestão sobre a infraestrutura rodoviária, por determinado tempo. Nas rodovias concedidas, os motoristas devem pagar taxas para a circulação. Porém, existe uma exceção, que prevê isenção do pagamento das tarifas do pedágio para

- (A) motoristas que moram e trabalham em cidades que ficam entre os pontos de cobrança.
- (B) veículos registrados em nome de idosos e/ou aposentados.
- (C) motoristas que apresentarem ausência de pontos na Carteira Nacional de Habilitação.
- (D) veículos oficiais utilizados pelo poder público ou que pertençam ao corpo diplomático.

— QUESTÃO 18 —

Uma substância química orgânica, naturalmente presente no organismo de vários mamíferos, chamada fosfoetanolamina, vem sendo anunciada por diversos meios de comunicação como a cura para o câncer. A grande polêmica sobre esse medicamento foi causada pelo fato de o governo federal ter aprovado sua produção, a despeito

- (A) da ausência de testes de segurança.
- (B) do interesse da indústria farmoquímica.
- (C) dos custos exorbitantes de comercialização.
- (D) das iniciativas de pacientes em tratamento.

— QUESTÃO 19 —

Nos últimos anos, muitas infecções humanas, até pouco tempo desconhecidas, passaram a ser descobertas, além de várias outras que haviam sido controladas no passado terem ressurgido. Um exemplo de doença viral reemergente é:

- (A) o tétano.
- (B) a peste bubônica.
- (C) a dengue.
- (D) a tuberculose.

— QUESTÃO 20 —

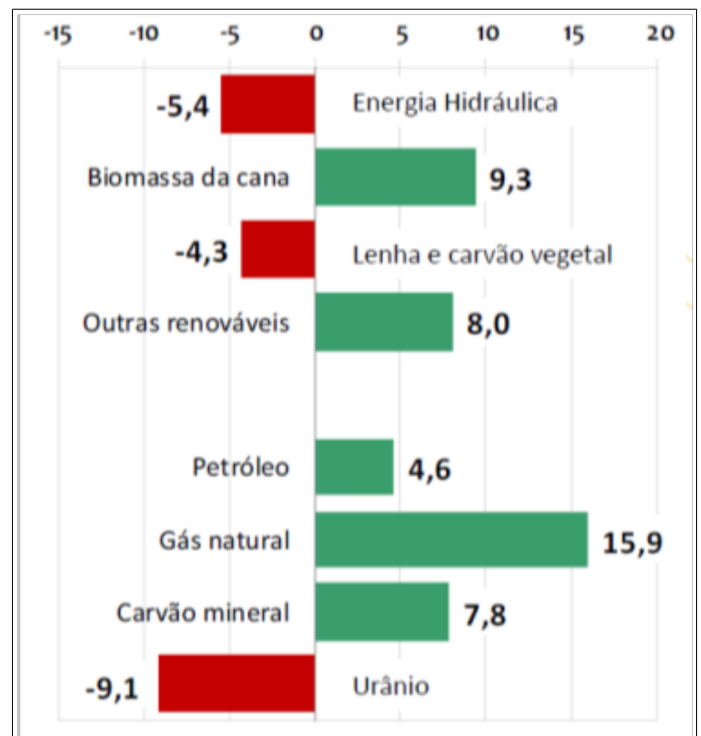
Causou polêmica a proposta recente do governo estadual de Goiás de transferência da gestão de escolas públicas para instituições conhecidas como organizações sociais (OS). A OS é uma entidade

- (A) privada, sem fins lucrativos.
- (B) mista, com fins lucrativos.
- (C) pública, sem fins lucrativos.
- (D) filantrópica, sem fins lucrativos.

— QUESTÃO 21 —

Leia o gráfico a seguir.

Brasil – Variação da oferta interna de energia (%) – 2013/2012



Fonte: BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Balanço Energético Nacional 2014, Relatório Síntese, ano base 2013. Rio de Janeiro, 2014.

A leitura e interpretação do gráfico permite inferir que:

- (A) a energia hidráulica deixou de ser a principal fonte energética do país.
- (B) o gás natural assumiu a condição de principal matriz energética do Brasil.
- (C) as fontes não renováveis apresentaram maior acréscimo no período.
- (D) as fontes renováveis apresentaram menor decréscimo no período.

— QUESTÃO 22 —

A segurança pública tem sido um dos pontos problemáticos no estado de Goiás nas últimas décadas, especialmente em função do número de crimes violentos, como os homicídios. Dentre as 500 cidades mais violentas do Brasil no ano de 2012, conforme a lista publicada no Mapa da Violência (Waiselfisz, 2014), com base nos dados do Sistema de Informações de Mortalidade, do Ministério da Saúde, aparecem cidades goianas como Luziânia (15^a), Planaltina (75^a), Cocalzinho de Goiás (99^a), Santo Antônio do Descoberto (108^a), Formosa (111^a), Valparaíso de Goiás (115^a) e Águas Lindas de Goiás (129^a). Uma característica geográfica que aglutina tais cidades é o fato de que elas fazem parte da

- (A) área limítrofe de Goiás com o estado de Mato Grosso.
- (B) região do entorno do Distrito Federal.
- (C) região metropolitana de Goiânia.
- (D) área limítrofe de Goiás com Minas Gerais.

— RASCUNHO —**— RASCUNHO —**

CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO**— QUESTÃO 23 —**

A intencionalidade é uma das peculiaridades do processo de ensinar, ou seja, se inscreve na pretensão de ajudar alguém a aprender (Castro, 2001, p. 15). A sua ausência pode produzir patologias didáticas. Na didática comprometida com a qualificação do ensino e da aprendizagem,

- (A) o responsável pelo trabalho com os alunos desenvolve uma lista de procedimentos "que dão certo" e outros "que não funcionam".
- (B) a equipe de professores avalia e atua por meio de um conjunto de prêmios e castigos em relação ao que se pretende que os alunos aprendam.
- (C) as atividades planejadas facilitam o domínio de hábitos e as habilidades de conhecimentos fundados na espontaneidade do aluno.
- (D) a proposta de ensino desafia o locutor a pensar sobre algo, pois a didática se apoia no conceito de ensino e este comanda o que se espera da ação de ensinar.

— QUESTÃO 24 —

De acordo com Maria Teresa Estrela (1994), ao tecer considerações sobre a disciplina e a indisciplina na sala de aula, o professor desenvolve dois papéis básicos: "agente normativo e organizador da aula". Este entendimento corresponde à afirmação de que:

- (A) o professor é veiculador de uma ética, uma moral, uma axiologia que fazem parte do currículo exposto e oculto da escola. O modo como organiza a aula deve ser pautado por regras e direções que primem pela clareza e pelo diálogo com os alunos.
- (B) o professor deve produzir um código de conduta discente na sala de aula como resultado de diálogos consensuais com os alunos. O regime de organização da disciplina deve ser pautado pela ambivalência de quaisquer que sejam as diferenças.
- (C) o professor deve estar ciente de que a normatização que vem de cima para baixo deve ser refutada. Organização não tem nenhuma correspondência com hierarquia.
- (D) o professor sabe que a sala de aula deve ser regida pelo conflito esclarecido. O respeito às diversidades de ordem política, étnica, religiosa ou social é imperioso.

— QUESTÃO 25 —

A ampliação gradativa da jornada escolar no Brasil está prevista na LDBEN/9394/1996. Madeleine Compère (1997) informa que em países europeus as crianças menores ficam menos tempo na escola, e esse tempo se amplia para crianças maiores e para os adolescentes. No Brasil, as pesquisas mostram que são as crianças menores que permanecem mais tempo na escola (Cavaliere, 2006, p. 96). Esta tipicidade da escola brasileira evidencia a presença de:

- (A) idiosincrasias no universo juvenil típicas da fase psicológica e da transição biológica pelas quais atravessa: espírito de contestação, irreverência, novas demandas em face da sexualização da vida moderna.
- (B) peculiaridades de natureza cultural e social que definem a demanda pela escola de tempo integral para crianças menores: o trabalho, adolescentes cujos papéis não se limitam a estudar, baixo nível de satisfação com a escola.
- (C) incompatibilidades entre a demanda familiar e a oferta escolar: de um lado, as famílias reivindicam um espaço que assegure segurança e alimentação para seus filhos e, de outro, a escola restringe o acesso a crianças menores.
- (D) equívocos nos processos motivadores da adesão à política de ampliação da jornada escolar brasileira: secundarização das questões pedagógicas, sobreposição de aspectos sociais, negação da educação inclusiva.

— QUESTÃO 26 —

Estudiosos da didática (Carlos e Gil, 1993; Castro, 2001, entre outros) entendem que o professor precisa dominar os saberes conceituais e metodológicos de sua área, pois dessa maneira produzirá uma "educação científica". Tal pressuposto indica que o professor deve:

- (A) integrar os saberes das áreas disciplinares, ser motivador dos alunos, dominar as novas tecnologias, promover diálogos interculturais, acompanhar os alunos nas redes sociais.
- (B) ter conhecimento interdisciplinar, saber realizar mediações didáticas, ter interesse pelas mídias, adquirir habilidades holísticas, ser formador de opinião pública.
- (C) conhecer as especificidades de sua área de conhecimento, dominar a metodologia de produção de tais conhecimentos, conhecer a produção recente, ser capaz de abordagens transdisciplinares.
- (D) integrar saberes, promover interações epistemológicas, ser motivador de experiências inovadoras, empreender esforços para uma pedagogia crítica.

— QUESTÃO 27 —

“Algum tempo atrás, a BBC perguntou às crianças britânicas se preferiam a televisão ou o rádio. Quase todas escolheram a televisão, o que foi algo assim como constatar que os gatos miam e os mortos não respiram. Mas entre as poucas crianças que escolheram o rádio, houve uma que explicou: -Gosto mais do rádio porque pelo rádio vejo paisagens mais bonitas” (Galeano, 2009, p. 308).

Neste fragmento extraído da obra *De pernas pro ar: a escola do mundo avesso*, o escritor Eduardo Galeano convida a pensar sobre:

- (A) o papel ostensivo dos meios de comunicação, com ênfase na tevê, e seus efeitos na formação do pensamento e no fomento à cultura consumista da sociedade capitalista vigente.
- (B) a relevância de pesquisas pautadas na infância, com ênfase em conhecer os interesses da criança, garantindo a centralidade desta no processo de ensino e aprendizagem.
- (C) a especificidade das crianças britânicas que se distinguem das crianças das demais sociedades, fato que, por si só, supõe intervenções e políticas educativas específicas.
- (D) a ameaça à imaginação criadora da criança quando conteúdos fáceis e largamente difundidos pela tevê não recebem a problematização do adulto ou a possibilidade de confrontar a criança com outras linguagens.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 28 —**

A criança que quebra a cabeça com os *barbara* e *baralipcion*, fatiga-se, certamente, e deve-se procurar fazer com que ela só se fatigue quando for indispensável e não inutilmente; mas é igualmente certo que será sempre necessário que ela se fatigue a fim de aprender e que se obrigue a privações e limitações de movimento físico, isto é, que se submeta a um tirocínio psicofísico. Deve-se convencer a muita gente que o estudo é também um trabalho, e muito fatigante, com um tirocínio particular próprio, não só muscular-nervoso mas intelectual: é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento (Gramsci, 1968, 138-139).

O fragmento de Antônio Gramsci foi extraído da obra *Os intelectuais e a organização da cultura* e chama a atenção

- (A) pela severidade com que se trata a criança na sala de aula.
- (B) pela ousadia com que se desconsidera a psicologia da criança moderna.
- (C) pela rigidez com que se definem as atividades da criança na escola.
- (D) pelo entendimento de que o trabalho da criança na escola é intelectual e, por isso, exigente.

— QUESTÃO 29 —

A estudiosa Acácia Kuenzer (2005) entende que a concepção pedagógica dominante nos anos iniciais do século XXI reúne dois movimentos: a "exclusão includente" e a "inclusão excludente". A primeira se manifesta no terreno produtivo como um fenômeno do mercado. A "inclusão excludente" se manifesta no terreno educativo e pode ser flagrada em ações como:

- (A) divisão do ensino em ciclos, progressão continuada, classes de aceleração que permitem às crianças e aos jovens permanecer mais tempo na escola sem correspondente aprendizagem efetiva.
- (B) ampliação da matrícula de crianças e de jovens com necessidades educativas especiais e dotação material e humana com vistas à inclusão de históricos excluídos do sistema escolar brasileiro.
- (C) investimento em políticas de ampliação da jornada escolar como forma de oportunizar aos filhos das classes populares o devido acesso a uma escola com alimentação, esportes e ensino qualificado.
- (D) reagrupamento de crianças e de adolescentes com distorção entre idade e série, avaliações internas diagnósticas que visam assegurar o aprendizado qualificado, ainda que fora da faixa etária regular.

— QUESTÃO 30 —

As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas: **a)** os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; **b)** os princípios políticos dos direitos e deveres da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; **c)** os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. Estes três princípios estão previstos:

- (A) na Constituição da República Federativa do Brasil.
- (B) na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/1996.
- (C) nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1998).
- (D) nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

— QUESTÃO 31 —

Planejar significa antever uma forma possível e desejável. (...). Não planejar pode implicar perder possibilidades de melhores caminhos, perder pontos de entrada significativos (Vasconcellos, 1999, p. 148).

São elementos reconhecidos como imprescindíveis a um plano de aula:

- (A) objetivos, conteúdos, metodologia, recursos, avaliação.
- (B) lista de materiais, objetivos, conteúdos, problematização, cronograma.
- (C) finalidades, assunto, conhecimento prévio, tarefa, avaliação.
- (D) retomada da aula anterior, objetivos, conteúdos, correção da atividade, “dever de casa”.

— QUESTÃO 32 —

Leia o excerto.

Uma verdadeira filosofia da educação não poderá fundar-se apenas em ideias. Tem de identificar-se com o contexto a que vai se aplicar o seu agir educativo. Tem de ter consciência crítica do contexto – dos seus valores em transição –, somente como pode interferir neste contexto, para que dele também não seja uma escrava.

FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

Neste trecho, Paulo Freire se refere à relação entre:

- (A) educação e sociedade.
- (B) conteúdo e metodologia.
- (C) método e epistemologia.
- (D) educação e subjetividade.

— QUESTÃO 33 —

A Base Nacional Comum Curricular, que está sendo discutida pela sociedade na atualidade, faz referência

- (A) a um conjunto de normas disciplinares que devem guiar as escolas municipais.
- (B) às diretrizes relativas ao que deve ser ensinado aos professores nos programas de formação continuada.
- (C) ao conjunto de conhecimentos essenciais a que todo estudante brasileiro deve ter acesso.
- (D) ao comportamento que deve ser assumido pelos professores nas escolas brasileiras.

— QUESTÃO 34 —

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica visam estabelecer bases comuns nacionais para:

- (A) a educação continuada, a formação docente e a educação ao longo da vida.
- (B) a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio.
- (C) a educação infantil, o ensino fundamental e a educação especial.
- (D) o ensino fundamental, o ensino médio e o ensino profissionalizante.

— QUESTÃO 35 —

A Lei n. 9394, de 1996, prevê que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. E ainda indica que a educação de jovens e adultos

- (A) seja etapa preparatória para a educação superior.
- (B) se organize em prol da educação para a cidadania.
- (C) se articule, preferencialmente, com a educação profissional.
- (D) seja ofertada por meio da educação à distância.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 36 —

Diversos autores da área da educação concordam em dizer que a institucionalização da profissão docente coincide com a feminização do magistério, e com sua consequente desvalorização. Com essa constatação é possível inferir que:

- (A) as mulheres tornam a profissão docente mais qualificada, exigente e rigorosa, como é próprio do gênero feminino.
- (B) a feminização do magistério é irreal, pois há homens e mulheres atuando na área do magistério em todo o mundo.
- (C) o magistério é uma profissão desvalorizada, independente do gênero envolvido no compromisso de ensinar.
- (D) a luta pela profissionalização do docente passa a ser não apenas uma luta de classes, mas também uma luta de gênero.

— QUESTÃO 37 —

Existe uma distância entre o saber escolar e o conhecimento que o aluno possui. A transposição didática expressa bem o que ocorre com os saberes a serem ensinados na escola. Há uma passagem da cultura extraescolar ao currículo formal, do currículo formal ao currículo real e do currículo real à aprendizagem efetiva dos alunos. Essa passagem acontece quando o professor realiza um processo de:

- (A) mediação dos conhecimentos.
- (B) avaliação dos conteúdos.
- (C) diagnóstico dos estudantes.
- (D) regulação das aulas.

— QUESTÃO 38 —

Para o bom desenvolvimento do trabalho docente é fator primordial a clareza de onde se quer chegar com os alunos e quais os melhores caminhos e instrumentos para fazê-lo. Esse direcionamento está diretamente relacionado

- (A) à avaliação da aprendizagem.
- (B) ao planejamento escolar.
- (C) à organização do currículo.
- (D) às normas de convivência.

— QUESTÃO 39 —

Leia o excerto.

O que pretendo introduzir é a perspectiva da ação avaliativa como uma das ações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as.

HOFFMANN, Jussara M.L. Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e realidade. 1991.

Neste excerto, a autora apresenta um conjunto de ideias que se refere ao paradigma da avaliação

- (A) classificatória.
- (B) reprovativa.
- (C) mediadora.
- (D) diagnóstica.

— QUESTÃO 40 —

Em entrevista à *Revista Nova Escola*, o professor Cipriano Luckesi comentou que a maioria das escolas promove exames, os quais não são uma prática de avaliação. O ato de examinar é classificatório e seletivo, e a avaliação deveria ser inclusiva, disse ele. Esse modelo de avaliação inclusiva é aquele no qual o estudante vai ser

- (A) ajudado a dar um passo à frente em sua aprendizagem.
- (B) classificado de acordo com seu rendimento médio.
- (C) diagnosticado segundo diferentes níveis de ensino.
- (D) aprovado, independente das exigências estabelecidas.

— RASCUNHO —

CONHECIMENTOS NA ÁREA DE ATUAÇÃO**HISTÓRIA****— QUESTÃO 41 —**

Leia o fragmento a seguir.

O historiador escreve e esta escrita não é nem neutra nem transparente. Ela modela-se por meio de formas literárias, até mesmo por meio de figuras retóricas. Que o historiador tenha perdido sua inocência, que se deixe tomar como objeto, que se tome a si próprio como objeto, quem o lastimará? Resta que, se o discurso histórico não se ligasse, pela quantidade de intermediários que se queira, ao que chamaremos, na ausência de melhor palavra, o real, nós estaríamos sempre no discurso, mas este discurso deixaria de ser histórico.

VIDAL-NAQUET, P. Les assassins de la mémoire. Apud CHARTIER, R. A verdade entre ficção e história. In: SALOMON, M. *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011. p. 363.

Ao discutir a escrita da história, Vidal-Naquet rejeita

- (A) a condição narrativa da história.
- (B) a verdade própria do discurso histórico.
- (C) o estatuto científico da disciplina histórica.
- (D) a redução da história a uma forma de ficção.

— QUESTÃO 42 —

Leia o fragmento a seguir.

Como definiu magistralmente Georges Lefèbvre, somente podemos propor novas explicações para os fenômenos históricos se conhecermos a historiografia, pois muito embora a escrita da história dependa da exploração de novas fontes ou da leitura de fontes já conhecidas sob uma ótica renovada, ela não depende menos do diálogo com todo um repertório de interpretações pré-existentes.

SILVA, G. V. O fim do mundo antigo: uma discussão historiográfica. *Mirabilia*, n. 1, 2001. p. 59.

De acordo com o fragmento, a escrita da história se realiza na análise das fontes e na

- (A) ideologização do passado.
- (B) revisão do conhecimento histórico.
- (C) afirmação das teorias consagradas.
- (D) explicação dos determinismos históricos.

— QUESTÃO 43 —

Leia o fragmento a seguir.

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 538.

Nas considerações de Le Goff, o conceito de monumento destaca a relação entre o documento do passado e o

- (A) imaginário social, compreendendo as fontes históricas como reveladoras da memória e da mentalidade de uma sociedade.
- (B) poder, problematizando as fontes como resultado das relações de força de uma sociedade na tentativa de incutir ao futuro determinada imagem de si.
- (C) fato histórico, extraindo aquilo que as fontes contêm, sem distorcê-las, controlando metodicamente a subjetividade do historiador.
- (D) patrimônio, enfatizando os vestígios arquitetônicos e materiais como indícios de uma época, na perspectiva de alargamento das fontes promovido pelos Annales.

— QUESTÃO 44 —

Leia o fragmento.

O filme, baseado em fatos ou personagens históricos, sempre interessa ao grande público e deveria, igualmente, interessar ao historiador, pois o uso do passado pelo presente não se dá de forma ingênua ou descompromissada.

ROSSINI, Mirian de Souza. As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. *Anos 90*, n. 12, dez. 1999, p.119.

As considerações expostas no fragmento indicam que, ao usar o filme como recurso didático, o professor deve

- (A) considerar seu caráter científico.
- (B) adotá-lo como ilustração do passado.
- (C) observar o contexto de sua produção.
- (D) priorizar os documentários históricos.

— QUESTÃO 45 —

Leia o fragmento a seguir.

Porém, quem afirmar que os Atenenses foram os salvadores da Grécia, não falta à verdade. Para qualquer dos dois partidos que se voltassem, se inclinaria a balança. Uma vez que escolheram que a Grécia continuasse livre, escolhendo assim, foram eles que despertaram todo o resto da Hélade, que não estava ao lado dos Medos, e eles que, depois dos deuses, repeliram o grande Rei. Nem mesmo os oráculos temíveis vindos de Delfos, que infundiam terror, os persuadiram a abandonar a Grécia, mas permaneceram, para deter o invasor e lhe fazer frente.

HERÓDOTO. Apud MARTINS MELO, A. M. A conquista da liberdade: ecos das grandes batalhas na cultura greco-romana. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n. 11, 2009, p. 66.

O texto que exalta o papel de Atenas na guerra contra o grande Rei, refere-se às guerras dos gregos contra os

- (A) persas, senhores de grandes domínios no Oriente.
- (B) espartanos, líderes da Confederação do Peloponeso.
- (C) macedônicos, detentores da hegemonia política e militar no Oriente.
- (D) dórios, responsáveis pela destruição da civilização micênica.

— QUESTÃO 46 —

Leia o fragmento a seguir.

Julgou-se durante muito tempo que bastava, para explicar a sociedade medieval, recorrer à clássica divisão em três ordens: clero, nobreza e terceiro estado. É a noção que dão ainda os manuais de história: três categorias de indivíduos, bem definidas, tendo cada uma as suas atribuições próprias e nitidamente separadas umas das outras. Nada está mais afastado da realidade histórica.

PERNOUD, R. *Luz sobre a Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981. p. 13.

No fragmento, Regine Pernoud critica a imagem de uma sociedade medieval

- (A) solidária, organizada para distribuir funções que amparavam a existência dos grupos.
- (B) violenta, estruturada para impedir a formação do Estado centralizado.
- (C) igualitária, doutrinada para evocar o respeito recíproco entre as ordens.
- (D) estática, dividida para satisfazer os interesses ideológicos da Igreja.

— QUESTÃO 47 —

Leia o fragmento.

Essa gente miserável começou a se sublevar porque alguns diziam que eram mantidos em grande servidão e que, no começo do mundo, não havia servos, viam-se como homens livres semelhantes aos seus senhores e não como bestas, motivo pelo qual não queriam mais sofrer. Pelo contrário, eles desejavam ser iguais e, se trabalhassem ou prestassem algum serviço para os seus senhores, queriam receber salários.

FROISSART, J. *Chroniques*. Apud MACEDO, J. R. *Movimentos populares na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 80.

O fragmento relata uma revolta ocorrida na Inglaterra no ano de 1381, cuja principal motivação foi:

- (A) a divulgação de uma ideia organicista da sociedade que negava a divisão social do trabalho.
- (B) o surgimento do ideário capitalista que colocaria fim ao modo de produção feudal.
- (C) a degradação das condições de trabalho diante da acentuação da exploração servil.
- (D) a difusão no mundo rural das novas relações de trabalho originadas nas cidades.

— QUESTÃO 48 —

Leia o fragmento a seguir.

O Islão acrescenta um aspecto particular à tradição europeia: do séc. IX ao XII estudavam-se os escritos de Aristóteles com mais afinco e profundidade no mundo islâmico do que no ocidente cristão.

MEISSNER, H. A Antiguidade cria laços. Iniciativa em favor de uma cultura humanística na Europa. Apud MELO, A. M. M. A conquista da liberdade: ecos das grandes batalhas na cultura greco-romana. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n. 11, 2009, p. 75. Disponível em: < <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/5.Melo.pdf> >. Acesso em: 4 maio 2016.

O texto se refere a um movimento ocorrido no contexto da

- (A) afirmação da supremacia da cultura greco-romana no Oriente Médio.
- (B) ampliação das relações diplomáticas dos Omíadas com o Império Bizantino.
- (C) instalação do Califado Abássida e mudança da capital muçulmana para Bagdá.
- (D) retomada das atividades comerciais entre Ocidente e Oriente decorrente das Cruzadas.

— QUESTÃO 49 —

Analise o mapa-múndi a seguir.



Mapa-múndi Orbis typus universalis tabula, elaborado pelo veneziano Jerônimo Marini em 1511. Disponível em: <<http://www.mapas-historicos.com/jeronimo-marini.htm>> Acesso em: 4 maio 2016.

Mapas históricos são importante fonte para o ensino. Ao analisar o planisfério apresentado, o professor deve assinalar aos alunos que o mapa

- (A) é uma crítica ao sistema de representação cartográfica europeu, com o objetivo de reforçar os princípios formadores das identidades afro-asiática.
- (B) está invertido devido à deficiência da base tecnológica do século XVI, que tinha no conhecimento astronômico limitado um empecilho à projeção verossímil.
- (C) revela o imaginário dos descobrimentos, que inseria nas projeções cartográficas da Era Moderna figuras míticas e pontos de referência inexistentes.
- (D) é orientado pelo sul, o que decorre da influência da cartografia árabe, concluindo assim que todo mapa materializa determinada visão de mundo.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 50 —**

Leia o fragmento a seguir.

Os huguenotes da cidade entraram furiosamente nas igrejas, sem nenhuma exceção. E, chegando lá em grandes bandos, armados e munidos de bastões, atiraram abaixo os crucifixos e as imagens dos santos, com muitas blasfêmias e muitas palavras infames, depois destruíram e quebraram as tribunas, órgãos, cercados das capelas, altares, assentos, fontes batismais, vitrais, depois queimaram os ornamentos das ditas igrejas, de tal modo que o ouro fundido dali fluía em várias igrejas.

DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 29. [Adaptado].

O fragmento apresenta um relato, do ponto de vista católico, de um episódio ocorrido em 1566. Esse episódio se insere no contexto dos conflitos entre católicos e

- (A) protestantes franceses, seguidores da doutrina calvinista.
- (B) camponeses anabatistas, que objetivavam confiscar terras senhoriais e da Igreja.
- (C) luteranos alemães, contrários à teologia agostiniana que prezava a predestinação e a fê.
- (D) heréticos hussitas, que associavam reformismo religioso ao anseio de independência da Boêmia.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 51 —

Leia o fragmento a seguir.

Qualquer que arrenegar, descrer, ou pezar de Deos, ou de sua Santa Fé, ou disses outras blasfêmias, pola primeira vez, sendo Fidalgo, pague vinte cruzados, e seja degradedado hum anno para a Africa. E sendo Cavalleiro, ou Scudeiro, pague quatro mil reis, e seja degradado hum anno para Africa. E se fôr peão, dem-lhe trinta açoutes ao pé do Pelourinho com baraço e pregão, e pague dous mil reis. E póla segunda vez, todos os sobreditos incorram nas mesmas penas em dobro. E póla terceira vez, além da pena pecuniaria, sejam degradados trez annos para Africa, e se fôr peão, para as Galés.

ORDENAÇÕES FILIPINAS, liv. 5.º, tit. II.

Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/l5ind.htm>>. Acesso em: 4 maio 2016.

As chamadas Ordenações Filipinas foram um conjunto de normas que constituíram a base do direito português do início do século XVII até meados do século XIX. O trecho destacado do enunciado da lei evidencia uma característica típica da sociedade absolutista ao

- (A) criminalizar a blasfêmia, subordinando o Estado Nacional e a autoridade secular ao poder clerical.
- (B) ratificar a hierarquização social, estabelecendo distinção e privilégio perante a lei e a execução das penas.
- (C) conferir poder abusivo aos magistrados, dispondo-lhes diversos tipos de punições, como multa, açoite e degredo.
- (D) imputar a expatriação como condenação, fomentando a política de colonização de territórios ultramontanos.

— QUESTÃO 52 —

Leia o fragmento a seguir.

Os espanhóis vieram depois de ter-se aberto o caminho. A gente de Tlaxcala, a gente de Aconhuacan e a gente de Chalco encheram os canais. E quando os canais foram tapados os espanhóis se puseram a caminho. Atrás deles ia em formação toda a gente de Tlaxcala e todos das aldeias. Abundantemente as pessoas foram mortas.

COLL, Josefina Oliva de. *A resistência indígena*. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 79-81. [Adaptado].

O texto destacado foi escrito pelo frade espanhol Bernardino de Sahagún, com base em relatos orais feitos por astecas, publicado no livro *História general de las cosas de Nueva España* (1569). O texto revela um elemento decisivo no processo de conquista do Império Asteca que foi ocultado em grande parte dos documentos escritos pelos vencedores. O relato baseado na oralidade dos astecas evidencia o

- (A) elevado índice de mortalidade entre os nativos americanos devido à falta de imunidade contra as doenças trazidas pelos europeus.

- (B) fato de Hernan Cortes ter sido confundido com a divindade asteca Quetzacoatl, facilitando a subjugação dos indígenas.
- (C) estabelecimento de alianças político-militares entre os espanhóis e grupos indígenas dominados e tributários dos astecas.
- (D) conhecimento geográfico do continente por parte dos colonizadores, possibilitado pela apropriação hermenêutica dos saberes nativos.

— QUESTÃO 53 —

Leia o fragmento a seguir.

Os indígenas foram também utilizados em determinados momentos, e sobretudo na fase inicial; nem se podia colocar problema nenhum de maior ou melhor “apetido” ao trabalho escravo [...]. O que talvez tenha importado é a rarefação demográfica dos aborígenes, e as dificuldades de seu apresamento, transporte, etc. Mas na “preferência” pelo africano revela-se, mais uma vez, a engrenagem do sistema mercantilista de colonização; esta se processa num sistema de relações tendentes a promover a acumulação primitiva de capitais na metrópole; ora, o tráfico negreiro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial, enquanto o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. [...] Paradoxalmente, é a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não o contrário.

NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial* (1777-1808). São Paulo: Hucitec, 1979. p. 105. [Adaptado].

Ao discorrer sobre a imposição da mão de obra de africanos escravizados na América Portuguesa, Novais

- (A) refuta o argumento de que o africano seria mais predisposto ao trabalho escravo, rejeitando o discusso que justificava a escravatura por supostas características atribuídas aos povos subjogados.
- (B) reforça a atuação da Igreja na proteção dos indígenas, subentendendo que a catequização contribuiu para a diminuição do aprisionamento e da escravização da mão de obra indígena.
- (C) explica o uso da mão de obra de africanos escravizados na América Portuguesa, apontando a necessidade econômica da Coroa em obter mão de obra barata e em larga escala para a colonização.
- (D) redimensiona o papel da Colônia na implementação do tráfico negreiro, rompendo com uma historiografia tradicional que privilegiava a atuação do Estado Metropolitano na formação do sistema colonial.

— QUESTÃO 54 —

Leia o fragmento a seguir.

Mães, filhas, irmãs, mulheres representantes da nação reivindicam constituir-se em uma assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolvem expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher. [...]

Artigo 1º

A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.

Artigo 2º

O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.

Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>>. Acesso em: 4 maio 2016.

Este documento foi proposto à Assembleia Nacional da França, durante a Revolução Francesa (1789-1799) por Olympe de Gouges (1748-1793). A sua formulação

- (A) denuncia a exclusão das mulheres no processo revolucionário francês, defendendo a atuação feminina na esfera pública, considerada essencialmente masculina mesmo pelos grupos revolucionários.
- (B) institui prerrogativas exclusivas às mulheres, pois a Proclamação de 1789 utilizava o termo “homem e cidadão” para designar o conjunto social, sem distinção de gênero nem classe.
- (C) combate a falta de engajamento das mulheres na Revolução, devido ao enraizamento da cultura patriarcal, mesmo tendo a Assembleia garantido parcela para a representação feminina.
- (D) evidencia a identificação das ideias jacobinistas entre as mulheres, por contemplarem a igualdade de gênero, ao contrário dos girondinos que se opunham à radicalização do processo.

— QUESTÃO 55 —

Leia o fragmento a seguir.

Houve informação que o réu falando no Paraíso Terrenal afirmou que estava no Brasil, no meio das serranias; afirmou que Deus criara o mundo no Brasil; afirmou que Adão que significa vermelho era como o gentio do Brasil e de lá se passara a pé enxuto para Jerusalém e hoje se conservavam os vestígios das passadas junto à Bahia; afirmou que a língua portuguesa, correta e pura, há de ser a que se há de falar no Quinto Império dos portugueses que está próximo e há de ser no Brasil no lugar do Paraíso Terrenal e que há de ser de judeus.

Acusações a Pedro Rattes Hannequin, português cristão velho que viveu por vinte anos nas Minas do Brasil, garroteado no Auto da Fé de 21/06/1744 em Lisboa. Apud DINES, Alberto. *Vinculos do Fogo*: Antônio José da Silva, o Judeu, e outras histórias da Inquisição em Portugal e no Brasil. v. 1, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 14. [Adaptado].

A cosmologia de Pedro Rattes Hannequin foi condenada pela Igreja, no século XVIII, porque

- (A) ignorava os textos sagrados, apresentando uma visão empírica da religião cristã.
- (B) desprezava o conhecimento teológico, priorizando aspectos do imaginário colonial.
- (C) contestava os dogmas católicos, adotando referências eruditas e populares.
- (D) ridicularizava os mitos edênicos, associando-os aos povos nativos americanos.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 56 —

Analise a imagem a seguir.



DEBRET, J. B. Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário, 1828. Disponível em: <<http://www.turismo-rs.com/imagens/irmandade-negra.jpg>>. Acesso em: 4 maio 2016.

Parte dos livros didáticos de história privilegiam obras de Debret que representam o trabalho escravo e a violência sofrida por eles. Contudo, o artista francês também representou aspectos da cultura dos africanos e dos afrodescendentes na América portuguesa, como as irmandades. A representação da irmandade indica que ela se constituía como um espaço de:

- (A) guarida para escravos fugidos, providenciando alojamento, assistência jurídica e arrecadação de fundos para sua alforria.
- (B) rejeição do catolicismo, permitindo que os negros mantivessem seus cultos originais africanos e sua preservação identitária.
- (C) socialização de negros forros, possibilitando debates contra a escravatura e transformando tais associações em movimentos políticos abolicionistas.
- (D) transculturação, com a hibridação da religiosidade africana e do catolicismo ultramarino, além de arrecadação de recursos para a construção de igrejas e para auxílio mútuo.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 57 —**

Leia os fragmentos a seguir.

50\$000 DE GRATIFICAÇÃO

Fugio huma escrava de nome Benedita altura baixa, cor de formiga com dois dentes tirados na frente, com nica cicatriz debaixo do queixo e com um dedo da mão direita aleijado por ter soffrido de um panarisoço, quem della der noticia pegalla, metella na cadeia, ou entregala nesta cidade ao Sr. Antonio Francisco Ribeiro, será gratificado com a quantia acima.

ATENÇÃO

Vende-se para o mato uma preta da costa de idade de quarenta e tantos annos, muito sadia e bastante robusta, sebe bem lavar e cozinhar o diário de uma casa, vende-se em conta por haver precisão, NO BECO IARGO, N. 2.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global, 2010. p. 85 e 91.

Os anúncios de jornais apresentados podem ser trabalhados como documentos históricos em sala de aula. No entanto, o professor deve ser cauteloso ao proceder a análise documental, buscando não usar as fontes como mera descrição do real. Um exemplo dessa precaução é:

- (A) associar as distintas formas de descrição física dos escravos aos interesses de cada anúncio: um de venda e outro de captura.
- (B) investigar a credibilidade dos jornais e de seus anunciantes, ponderando falhas na produção e no discurso periodista.
- (C) problematizar a linguagem do texto, destacando as transformações do português arcaico para o atual.
- (D) contextualizar a fabricação dos jornais com a formação do Brasil Império e o estabelecimento da imprensa no território nacional.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 58 —

Leia o fragmento.

Vovó Claudina era paulista, vovô Torquato estudou direito em São Paulo. Ela tinha 12 anos, ele começou a namorar. Ele tinha que vir embora, foi atrás do pai dela e falou assim: “Eu gosto muito de Claudina e quero casar com ela, mas vou para Goiás e para voltar aqui é difícil, de maneira que eu quero casar e levar ela comigo. Eu prometo que ela será uma irmã para mim até os 18 anos. Eu vou até contratar uma aia, uma dama de companhia”. E ela ficou na casa do pai dele. O pai dele tratava ela como uma menina. Comprava boneca, levava pra passear, ela só foi pra casa do marido com 18 anos.

BIANCA, M. *Família e poder em Goiás*. Goiânia: Alternativa, 2003. p.55.

O texto, que apresenta um caso de casamento comum no Brasil do período imperial, coloca em evidência a

- (A) proteção da infância, garantida pela moralidade e pelas leis que regulamentavam o casamento civil.
- (B) submissão de gênero, apoiada pela concepção patriarcal de família.
- (C) solidariedade familiar, baseada na integração de distintas classes sociais.
- (D) valorização do casamento cristão, pautado nas manifestações de amor entre os cônjuges.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 59 —**

Leia o fragmento a seguir.

As duas raças, latina e saxônia, neste país, hão de produzir alguma coisa melhor [...] quero ir gradualmente, isto é, trazendo o estrangeiro precipitadamente para a província de São Paulo, porque eu, primeiro que tudo, sou paulista. Venha, pois, o estrangeiro, sr. presidente, façamos tudo quanto estiver ao nosso alcance para chamá-lo, e mais tarde teremos a restauração de nossos foros.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 121.

Com este discurso, o deputado Aguiar Witaker saudou a chegada de imigrantes ao seu estado, em 1869. Da fala do deputado depreende-se a

- (A) compreensão da miscigenação como peculiaridade da formação do povo brasileiro, corroborando o mito das três raças fundadoras.
- (B) acepção racista do imigracionismo, visando a um projeto, inspirado pelos preceitos do darwinismo social, de branqueamento da população nacional.
- (C) interação harmônica e equânime entre as raças, assentando a tese da democracia racial brasileira.
- (D) indispensabilidade da imigração, decorrente do processo gradual de abolição da escravatura desde a Lei Eusébio de Queiroz (1850) até a Lei Áurea (1888).

— QUESTÃO 60 —

Leia o fragmento a seguir.

Razão tinham os antigos quando estabeleceram os juízos dos mortos; porque necessário é que desapareçam o homem da superfície da terra para que se lhe faça justiça, para que com imparcialidade se julgue os seus atos. Pairam ainda por algum tempo em derredor dos túmulos o espectro das paixões e releva que se haja ele ausentado para que sua final sentença profira a história.

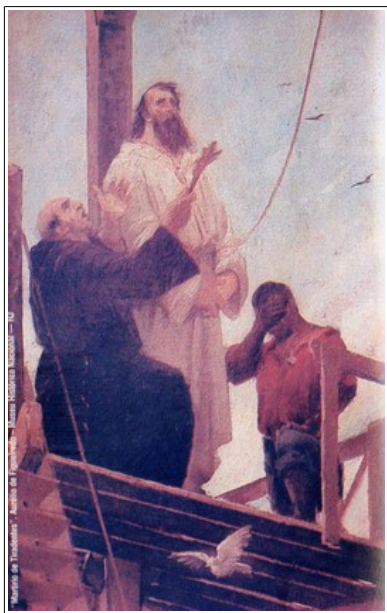
OLIVEIRA, M. da G., *Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade*. *Varia Historia*, v. 26, n. 43, jan./jun. 2010, p. 295.

O texto, que se refere ao projeto historiográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil no século XIX, apresenta uma concepção em que a escrita da história é foro de

- (A) justiça e moralidade.
- (B) emoção e ilustração.
- (C) observação e revisão.
- (D) apologia e subjetividade.

— QUESTÃO 61 —

Analise as imagens a seguir.



MELO, F. A. de F. e Martirio de Tiradentes (1893). Óleo sobre tela. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/images/galeria26/g26a005g.jpg>>.



WASTH J. A. Alferes Joaquim José da Silva Xavier (1940), o Tiradentes. Óleo sobre tela Rodrigo. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/images/e330n-04g.jpg>>. Acesso em: 4 maio 2016.

Ao analisar a construção da representação heroica de Tiradentes, um professor realiza em sala a comparação didática dos dois documentos visuais. Tal comparação revela uma relação de:

- (A) similaridade, pois as imagens apropriam-se da simbologia presente no processo de luta pela independência do Brasil.
- (B) paralelismo, pois uma imagem evidencia o Tiradentes republicano e popular, de inspiração jacobinista, e outra, o Tiradentes construído pelo imaginário elitista.

- (C) concorrência, pois uma imagem ressoa a representação do herói cívico, e a outra forja a imagem do mártir religioso.
- (D) complementariedade, pois as imagens destacam aspectos distintos da figura histórica, propiciando uma percepção completa de sua participação na Inconfidência.

— QUESTÃO 62 —

Leia o fragmento a seguir.

Tudo o que foi possível saber de M.J., 29 anos, branca, brasileira, casada, provém de sucintas observações anotadas em sua ficha de observação. Internada na Casa de Saúde Dr. Eiras em 27 de maio de 1896, foi submetida a observação do Dr. Vicente Maia. Os principais sintomas de sua doença foram buscados pelo psiquiatra nos “antecedentes pessoais” da paciente. Revelando uma “vivacidade precoce”, durante a infância, apresentou sensíveis melhoras do estado psicopático depois de ter se casado, revelando “extrema dedicação ao marido”, ao qual, contudo, repudiaria mais tarde, abandonando o “lar doméstico” e entregando-se “sucessivamente a três homens de baixa classe”.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 323. [Adaptado].

No final do século XIX, o discurso médico direciona-se para a mulher, inclusive no Brasil. O caso destacado, a partir das observações médicas e do diagnóstico clínico, indica a

- (A) liberalização nos costumes e a desagregação familiar, devido à urbanização e à vida comunal nos cortiços das classes de baixa renda.
- (B) emancipação feminina, com o advento do feminismo e a inserção da mulher no trabalho fabril.
- (C) laicização do conhecimento, com a consolidação do cientificismo e do naturalismo que rompiam com o moralismo católico vigente.
- (D) imputação de loucura e histeria às mulheres que apresentavam comportamentos divergentes do modelo moral hegemônico.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 63 —

Leia o fragmento a seguir.

Pedro Ludovico Teixeira começou a inscrever seu nome na história do Estado com a Revolução de 1930, quando ele e outros importantes líderes da oposição goiana uniram-se ao grupo de Getúlio Vargas e assumiram o poder em Goiás. Os chamados outubristas difundiram os ideais de progresso e desenvolvimento como contraponto ao período anterior a 1930, classificado como de atraso político, econômico e social de Goiás.

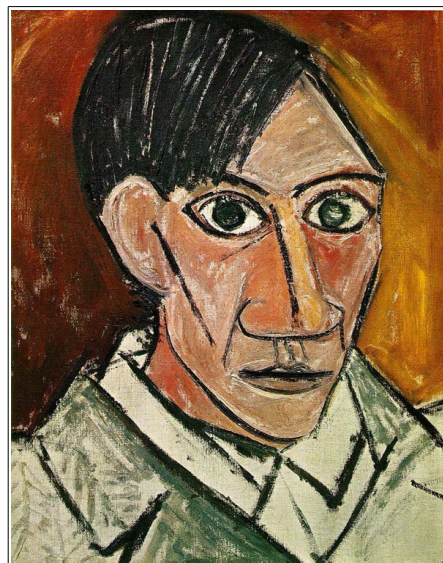
CUNHA, C. A. A herança modernizadora de Pedro Ludovico e a memória de seu grupo político. In: CHAUL, N. F.; DUARTE, L. S. *História política de Goiás*. Goiânia: UFG, 2009. p. 7. [Adaptado].

No contexto referido no fragmento, o processo de modernização em Goiás esteve diretamente vinculado à

- (A) supressão dos conflitos de classes que marcavam a vida política do Estado.
- (B) participação de uma classe média que rompia com os grandes proprietários rurais.
- (C) inclusão das reivindicações dos trabalhadores do campo na pauta da política estadual.
- (D) difusão de uma nova mentalidade política com o apoio das oligarquias dissidentes do Estado.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 64 —**

Analise as imagens a seguir.



PICASSO, P. Autorretrato (1905). Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/01/20/1076200/cubismo-autorretrato-pablo-picasso.html#>>. Acesso em: 4 maio de 2016.



MÁSCARA FANG. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/influencia-afro-a-arte-africana-e-o-cubismo.htm#>>. Acesso em: 4 maio de 2016.

Ao comparar as duas imagens, percebe-se que a arte tradicional africana, mais precisamente as máscaras ritualísticas de Fang, entre máscaras de outras etnias, inspirou Pablo Picasso e o advento de sua obra cubista. O pintor modernista europeu aproximou-se da arte tradicional africana ao

- (A) repudiar as influências exógenas na busca de uma identidade visual autêntica.
- (B) depreciar as formas e as cores, resultando em uma estética negligente que busca a expressão livre.
- (C) romper com a pretensão verossimilhante da figuração plástica clássica.
- (D) escolher o retrato e o autorretrato, alcançando uma arte do indivíduo e de sua idiossincrasia.

— QUESTÃO 65 —

Leia o fragmento a seguir.

Justamente agora que a nação alemã está em colapso, espezinhada por todo mundo, é que mais se faz necessária aquela confiança em si mesma. Essa confiança deve ser cultivada na juventude, desde a meninice. Toda a sua educação, todo o seu treinamento devem ser dirigidos no sentido de dar-lhe a convicção da sua superioridade. Certa da sua força e da sua habilidade, a mocidade deve readquirir a fé na invencibilidade da sua nação.

HITLER, Adolf. *Minha luta*. 8ª. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962. p. 253-260.

Em 2016, o livro *Minha luta*, escrito por Adolf Hitler, entrou em domínio público, o que tem gerado preocupação em relação à propagação de seu conteúdo por grupos neofascistas. Contudo, a leitura contextualizada e crítica da obra permite ao historiador analisar aspectos do discurso nazista. Dentro desta perspectiva, o trecho destacado indica a ideologia que orientou a

- (A) criação de um sistema educacional do Terceiro Reich, de caráter meritocrático, conferindo importância e autonomia ao papel intelectual do professor.
- (B) ruptura com o revanchismo decorrente do Tratado de Versalhes, necessária para a formação de uma juventude resoluta e voltada para o futuro da nação.
- (C) sacralização da família nuclear e do papel dos pais na educação dos jovens, atenuando a regulação do ambiente doméstico pelo Estado.
- (D) formação da Juventude Hitlerista, com alistamento compulsivo, promovendo intenso doutrinação e militarização de crianças e adolescentes.

— QUESTÃO 66 —

Leia o fragmento.

Nós, que sobrevivemos aos Campos, não somos verdadeiras testemunhas. Esta é uma ideia incômoda que passei aos poucos a aceitar, ao ler o que outros sobreviventes escreveram – inclusive eu mesmo, quando releio meus textos após alguns anos. Nós, sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras.

LEVI, Primo. Apud HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 11.

O texto de Primo Levi (1919/1987), sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, levanta importante questão para a escrita da história:

- (A) o indício da cooperação de judeus e de suas lideranças durante o Holocausto.

- (B) a desqualificação e o desuso de testemunhos de trauma como fonte histórica.
- (C) o dilema moral e o limite epistemológico na representação de genocídios.
- (D) a necessidade do afastamento temporal para a compreensão do extermínio judeu.

— QUESTÃO 67 —

Leia o fragmento a seguir.

Em 1937, houve o golpe que implantou o Estado Novo; ele fora cuidadosamente preparado, pois Vargas fizera aprovar previamente, pelo Congresso Nacional, inúmeras medidas repressivas. A ditadura, de forte coloração fascista, inspirava-se nas doutrinas direitistas que grassavam pelo mundo, como em Portugal, Espanha, Itália e Polônia. Partidos dissolvidos, outorga de uma Constituição de molde fascista, censura, repressão policial, tortura e os demais ingredientes típicos das ditaduras.

FICO, Carlos. O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento 1946-1964. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a grande transação*. São Paulo: Senac, 2000. p. 167. [Adaptado].

O período referido no fragmento do texto de Carlos Fico caracterizou-se pela

- (A) centralização político-administrativa do Estado.
- (B) submissão do Congresso nacional ao chefe de Estado.
- (C) existência de um partido único que sustentava o poder.
- (D) supressão dos direitos trabalhistas e fechamento dos sindicatos.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 68 —

Leia os fragmentos a seguir.

Chefes altamente qualificados do Movimento de Março de 64 preferem chamá-lo contrarrevolução. Com efeito, houve uma reação ao rumo desordenado e ameaçador que a Nação tomava sob João Goulart. [...] O “esquerdismo” teria sido, ao contrário de outras supostas causas, o cimento que unificou as diversas correntes de pensamento brasileiro, refletidas nas Forças Armadas, desde o liberalismo clássico, ao neoconservadorismo e ao reformismo. Março de 64 é, pois, uma resposta e não um projeto autônomo. Por isso, foi feito em nome do Anti: anticomunismo, antipeleguismo, anticorrupção.

FOLHA DE S. PAULO. Jarbas Passarinho, Dezoito anos depois. Opinião, p. 3, 31/03/1982. Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1982/03/31/2/> >. Acesso em: 3 maio de 2016. [Adaptado].

Com efeito, o governo de Jango não caiu por seus defeitos, ele foi derrubado por suas virtudes. Essencialmente porque representava uma ameaça inadmissível para as classes dominantes. Quem viveu aqueles últimos meses de tensão recordará tanto a animosidade e o ódio que se alastraram por toda a casta de privilegiados contra o governo nacionalista e sindicalista, como o entusiástico apoio popular ao governo trabalhista e reformista.

FOLHA DE S. PAULO. Darcy Ribeiro, 1964: um testemunho. Opinião, p. 3, 30/03/1982). Disponível em:< <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1982/03/30/2/>>. Acesso em: 3 maio 2016. [Adaptado].

Os dois fragmentos foram extraídos de textos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* quando se completavam dezoito anos do Golpe Militar de 1964. Embora apresentem perspectivas diferentes, ambos os autores dos textos compreendem que a motivação do Golpe se relacionava a uma reação

- (A) à influência comunista nos órgãos estratégicos do governo.
- (B) a um projeto político e social em curso no país.
- (C) ao cerceamento das liberdades democráticas.
- (D) à concretização das Reformas de Base.

— QUESTÃO 69 —

Leia o fragmento a seguir.

Os livros didáticos produzem a mágica de fazer aparecer e desaparecer os índios na história do Brasil. O que parece mais grave neste procedimento é que, ao jogar os índios no passado, os livros didáticos não preparam os alunos para entenderem a presença dos índios no presente e futuro. E isto acontece, muito embora as crianças sejam cotidianamente bombardeadas pelos meios de comunicação com informações sobre os índios hoje. Deste modo, elas não são preparadas para enfrentar uma

sociedade pluriétnica, onde os índios, parte de nosso presente e também de nosso futuro, enfrentam problemas que são vivenciados por outras parcelas da sociedade brasileira.

GRUPIONI, L. D. Imagens contraditórias e fragmentadas: sobre o lugar dos índios nos livros didáticos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.77, p.422-37, 1996. p.425.

O texto apresentado critica o ensino que cristaliza a história e as culturas indígenas no passado e reforça a importância de se trabalhar essa temática também na história recente e do tempo presente. Buscando superar essa lacuna em sala de aula, um professor pode analisar com seus alunos, entre as diversas questões envolvendo povos indígenas atualmente no Brasil,

- (A) o conflito violento entre a etnia Guarani-Kaiowá e fazendeiros pela posse da terra em Mato Grosso do Sul.
- (B) a reivindicação dos povos do Xingu para que o represamento da Usina de Belo Monte abasteça o território do parque indígena.
- (C) o empenho de entidades indigenistas pela aprovação da PEC 25/2000, que facilitaria a demarcação de terras indígenas ao transferir tal competência para o Congresso Nacional.
- (D) a extinção de garimpos nas áreas de preservação na Amazônia Legal, o que pacificou a região e contribuiu para proteção dos Yanomami.

— QUESTÃO 70 —

A área ocupada pela comunidade Kalunga foi reconhecida pelo Governo do Estado de Goiás, desde 1991, como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural. Esse reconhecimento é importante porque

- (A) preserva o folclore da comunidade em processo de desaparecimento.
- (B) contribui com a memória e a identidade de povos que habitam a região.
- (C) impede a demolição de casas e outras construções localizadas na área demarcada.
- (D) evita o processo de aculturação de sociedade portadora de conhecimentos tradicionais.

— RASCUNHO —

REDAÇÃO

Instruções

Você deve desenvolver um texto de caráter dissertativo em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as duas propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou a cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema

Antigamente era melhor?
O passado como arena de conflitos

Coletânea

1. Meia-noite em Paris

Kathy Bates Adrien Brody Carla Bruni Marion Cotillard Rachel McAdams Michael Sheen Owen Wilson

Midnight in Paris
Written and Directed by Woody Allen

OFFICIAL SELECTION
FESTIVAL DE CANNES
opening film

“A gem”
Baz Bamigboye, DAILY MAIL

“Beautiful, playful and funny”
Jason Solomons, THE OBSERVER

“Bracing humour and ravishing romance”
Peter Travers, ROLLING STONE

MEDIAPIRO, VERSÁTIL CINEMA & GRAVIER PRODUCTIONS PRESENT
A PONTCHARTRAIN PRODUCTION
“MIDNIGHT IN PARIS” KATHY BATES, ADRIEN BRODY, CARLA BRUNI, MARION COTILLARD, RACHEL McADAMS, MICHAEL SHEEN, OWEN WILSON
CASTING BY JULIET TAYLOR, PATRICIA DICERTO, STEPHANE FODENKINS
COSTUME DESIGNER SONJA GRANDJE, EDITOR ALISA LEPSLETTER, PRODUCTION DESIGNER ANNE SEIBEL, A/C
DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY DARIUS KHONDJI, ASC, A/C, CO-EXECUTIVE PRODUCER JACK ROLLINS
EXECUTIVE PRODUCER JAVIER MENDEZ, CO-PRODUCERS HELEN ROBIN, RAPHAËL BENDJEL
PRODUCED BY LETTY ARONSON, STEPHEN TENENBAUM, JAUME RODRIGES
WRITTEN AND DIRECTED BY WOODY ALLEN

© 2011 MEDIAPRODUCCIÓN, S.L.U., VERSÁTIL CINEMA, S.L. & GRAVIER PRODUCTIONS, INC. PETERDAPPEL

Resenha de Luiz Zanin para o jornal *O Estado de S. Paulo*

(...) é com inteligência e humor que Allen trabalha em *Meia-noite em Paris* um conceito em aparência complexo: existe uma idade de ouro da humanidade ou ela é só construção mental de quem vive insatisfeito em seu próprio tempo?

Essa questão, na verdade fascinante, ganha corpo na figura do escritor Gil (Owen Wilson), que se encontra em Paris com a noiva chatinha e os futuros sogros, riquíssimos. Gil é uma alma que poderíamos chamar de romântica. Ou de civilizada, dependendo do ponto de vista. O contraponto aqui é entre a Europa, refinada, suposta amante das artes, e os Estados Unidos, brutalizados pelo dinheiro. Civilização x barbárie. Uma dicotomia meio tosca (como quase todas), muitas vezes utilizada pelos europeus em causa própria, mas raramente por um norte-americano, como Allen. Também é verdade que Woody Allen hoje consegue filmar na Europa e não em seu país. Fatos são fatos. De qualquer forma, a mística europeia – a de Paris, em particular – historicamente provocou um êxodo da intelligentsia norte-americana para lá nos anos 1930. Zelda e Scott Fitzgerald, Hemingway e Gertrude Stein frequentavam-se e a outros europeus na diáspora, como os espanhóis Picasso, Salvador Dalí e Luis Buñuel. Todos em Paris, centro do mundo, de outro mundo que não o nosso. Estaria lá e naquele tempo a tal idade de ouro? Pode ser, pode não ser.

Allen usa um expediente de ficção científica, a viagem no tempo, para debater a questão. Mistura figuras reais a personagens imaginárias, como o próprio Gil e também as dulcíssimas Adriana (Marion Cotillard) e Gabrielle (Léa Seydoux). Ambas francesas e incumbidas de “mostrar” a Gil as ambivalências da idealização, por um lado. E também certa sabedoria da vida, simples como gota d’água, aquela que consiste em aproveitar o melhor possível o tempo que nos é dado, já que é tudo o que temos. Talvez haja algum didatismo na maneira como esse teorema se demonstra em *Meia-noite em Paris*. Como se Woody Allen tivesse medo de que o público não o seguisse de todo. Ninguém pode culpá-lo por esse receio, e só podemos agradecê-lo e curtir mais este filme solar, daqueles raros a nos dar alguma esperança que não pareça fraudulenta ou ingênua.

Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/a-meia-noite-em-paris/>>. Acesso em: 16 maio 2016.[Adaptado].

2. Recado de Primavera

Meu caro Vinicius de Moraes,

Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: A Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua; e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera — acho que você aprovaria. O mar anda virado; houve uma Lestada muito forte, depois veio um Sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da Ilha das Palmas. São violências primaveris.

O sinal mais humilde da chegada da Primavera vi aqui junto de minha varanda. Um tico-tico com uma folhinha seca de capim no bico. Ele está fazendo ninho numa touceira de samambaia, debaixo da pitangueira. Pouco depois vi que se aproximava, muito matreiro, um pássaro-preto, desses que chamam de chopim. Não trazia nada no bico; vinha apenas fiscalizar, saber se o outro já havia arrumado o ninho para ele pôr seus ovos.

Isto é uma história tão antiga que parece que só podia acontecer lá no fundo da roça, talvez no tempo do Império. Pois está acontecendo aqui em Ipanema, em minha casa, poeta. Acontecendo como a Primavera. Estive em Blumenau, onde há moitas de azaléias e manacás em flor; e em cada mocinha loira, uma esperança de Vera Fischer. Agora vou ao Maranhão, reino de Ferreira Gullar, cuja poesia você tanto amava, e que fez 50 anos. O tempo vai passando, poeta. Chega a Primavera nesta Ipanema, toda cheia de sua música e de seus versos. Eu ainda vou ficando um pouco por aqui — a vigiar, em seu nome, as ondas, os tico-ticos e as moças em flor. Adeus.

Rubem Braga. *Setembro, 1980*.

Nota: Vinicius de Moraes faleceu em julho de 1980.

3. A danada da nostalgia

(Deborah Couto e Silva para a revista *Vida Simples*)

Por que será que, por mais que a gente tente, muitas vezes é incapaz de abandonar determinadas memórias afetivas: imagens que construímos de nós mesmos, velhos amores, antigos padrões de comportamento? E parece que não adianta mesmo fugir – tais memórias são nossa bagagem, estarão sempre a nos acompanhar. Claro que tudo isso depende do uso que fazemos do nosso passado. Pois uma coisa é ter o tempo pretérito como referência – é por meio do exemplo de pessoas e ações que vieram antes de nós que procuramos não perpetuar os erros de outrora ou que nos espelhamos para construir um presente melhor. Isso é essencial em todas as culturas, do velho pajé que conta antigas proezas da tribo aos mais jovens até os livros de história que nos ensinam sobre os capítulos sombrios da nossa civilização.

Outra coisa bem diferente (e daninha) é a fixação no passado, quando remoemos aquilo que já está longe no tempo e no espaço, ou idealizamos (alguém, uma situação, um estilo de vida) a ponto de não mais conseguirmos olhar para a frente e aproveitarmos o presente – nosso tempo – em todo seu potencial. Aí entra a danada da nostalgia. Sim, porque a nostalgia, essa palavra grega que significa algo como “saudade de um lar que não mais existe ou nunca existiu”, pode ser um obstáculo para o nosso crescimento. Repare em como num momento ou outro a gente pensa num tempo bom que não volta nunca mais, numa “era de ouro” (completamente idealizada, uma ficção que mistura memória e desejo) em que tudo tinha cores mais belas. Ah, antigamente.

Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/vidasimples/edicoes/101/grandes_temas/danada-nostalgia-613173.shtml>. Acesso em: 17 maio 2016. [Adaptado].

4. Entrevista com Ney Matogrosso: “O Brasil está mais careta hoje do que era” (María Martín para *El País*)

Pergunta. Qual é rumo da música brasileira? Quem você admira neste momento?

Resposta. Criolo é um deles, e também o Tono, um grupo daqui do Rio de Janeiro. Tem pessoas fazendo coisas interessantes. Eu ouço dizer que há uma crise na música, mas não é uma crise na criação, é uma crise pelos obstáculos que você enfrenta para chegar e tocar no rádio. Hoje em dia você tem que pagar pra tocar, antigamente você gravava um disco e você ia para todas as estações de rádio do país.

P. Há um abismo brutal entre o Ney Matogrosso, exibicionista e ousado do palco e o Ney Matogrosso, tímido e reservado, do dia a dia. Como se relacionam um Ney com o outro?

R. No meu trabalho é assim, é tudo extrovertido, e fora do palco não tenho nenhuma necessidade daquela manifestação. Absolutamente nenhuma.

P. E como se explica isso? Por que na hora de fechar a porta essa necessidade de expressão, de reivindicação perde fôlego?

R. Eu não explico, eu aceito. Mas não é que eu deixe de ser reivindicativo. Eu sou uma pessoa que exige direitos, reivindico o tempo todo, mas não tenho necessidade daquela exposição. Eu sou uma pessoa consciente do mundo que eu vivo, da realidade da vida, da realidade dos governos, das igrejas... Sei tudo isso, sou ligado, não sou bobinho. Minha única via para poder expressar tudo o que eu penso do meu país e do mundo é nas entrevistas que eu concedo, e no palco desafio todas as regras. E eu sou ousado, sim, sou atrevido, sim, porque eu preciso ser, porque o Brasil está mais careta do que era.

P. Como você, que enfrentou uma ditadura, pensa assim?

R. Porque é assim. O Rio de Janeiro, nos anos 60, era uma cidade onde de quinta à sábado você podia andar na rua até cinco da manhã que fervia de gente. Quando aparecia uma bicha muito louca na rua, o povo aplaudia. Eu achava aquilo tão engraçado que eu ficava admirado. Eu vinha do Mato Grosso, onde só tinha um [gay] que passava na rua e só faltava o povo jogar pedra. Isso era de uma maneira geral, o Brasil era mais tolerante com todas as diferenças e foi ficando intolerante. Quem instituiu a violência no

Brasil foi a ditadura militar e o povo passou a ser violento. Existe uma violência agora embutida em todo o mundo, você hoje em dia não pode dar uma opinião. Nas redes sociais as pessoas caem furiosas. Eu não tenho rede social porque não me interessa o que as pessoas estão pensando, porque as pessoas estão loucas, estão radicais. Como a gente vai ser um país com pensamento radical? Mas você vê isso em tudo.

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/cultura/1444833284_230979.html> Acesso em: 17 maio 2016. [Adaptado].

5.



Bruno Maron (artista). Disponível em: <<http://letrasecimitarras.blogspot.com.br/2013/02/pelo-direito-ao-besteirol.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

Propostas de redação**A – Artigo de opinião**

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Assuma o discurso de um professor do Ensino Básico antenado com as discussões do seu tempo. Diante dos vários fenômenos de crise que acometem a humanidade periodicamente (crise moral, crise política, crise econômica etc.), você resolve usar os conhecimentos e as reflexões construídos em sala de aula para escrever um artigo de opinião sobre "O passado como arena de conflitos" a ser publicado em jornal de circulação regional. Defenda seu ponto de vista, apresentando argumentos que problematizem a pergunta "Antigamente era melhor?".

B – Carta de leitor

A carta de leitor é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal ou revista, dirigindo-se ao periódico, direcionando a carta ao editor (representante do jornal ou da revista), ao autor da matéria publicada (quando o seu nome é revelado) ou ao público leitor. Por ser de caráter persuasivo, o autor da carta de leitor busca convencer o destinatário a adotar o seu ponto de vista e a acatar suas ideias por meio dos argumentos apresentados.

Escreva uma carta de leitor com o objetivo de refletir sobre "O passado como arena de conflitos" a partir da declaração de que "O Brasil está mais careta do que era" feita por Ney Matogrosso em entrevista concedida a Maria Martín no jornal *El País Brasil*. Relate e comente fatos públicos, nacionais e internacionais, para discutir transformações e permanências na sociedade brasileira capazes de questionar a ideia de que "Antigamente era melhor". Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

NÃO IDENTIFIQUE O REMETENTE DA CARTA.

